



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E O COMBATE AO BULLYING RACISTA NA ESCOLA EDMUNDO PINTO DE ALMEIDA NETO

Jane Célia Bento da Cunha¹

O presente trabalho surge da intervenção pedagógica realizada na escola municipal de Ensino Fundamental I, Edmundo Pinto de Almeida Neto, no município de Bujari/AC, junto à turma de 2º ano do ensino fundamental.

Essa intervenção pedagógica é fruto de um trabalho proveniente da pós-graduação Uniafro: Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, oferecida pela Universidade Federal do Acre, na qual nos aprofundamos nas temáticas referentes às relações étnico-raciais. Entre elas, alguns aspectos da historiografia de nossos antepassados até bem pouco tempo silenciados pela história escrita do ponto de vista do colonizador europeu, sempre descaracterizando, vitimizando e inferiorizando os negros africanos, como também seus afrodescendentes.

A história retratada nos livros didáticos por muitos anos do povo africano foi de um povo sem memória, sem referência ao passado de homens e mulheres livres antes da escravidão. Ocultando que a África é o berço da civilização, mostrando o Continente africano apenas como sinônimo de miséria e doenças, seguindo uma ótica humilhante e pouco humana. Como escreveu o historiador africano Joseph Kizerbo: “um povo sem história é como um indivíduo sem memória, um eterno errante”. Esquecendo-se de mencionar o outro lado desse continente no que tange às riquezas que lá havia como as pedras preciosas, o Egito como parte desse continente e sua contribuição para a medicina, escrita, arquitetura, engenharia, técnicas de mineração as mais avançadas da época, entre outros. Deixando de levar em consideração que esse componente étnico foi de suma importância para formação da sociedade

¹ Especialista em educação étnico-racial, pela Universidade Federal do Acre. Professora da Secretaria de Estado de Educação e Esporte. janeceilia.celia@hotmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

brasileira e da qual faz parte com mais de cinquenta por cento de sua totalidade. Ainda assim a sociedade brasileira é preconceituosa e racista. Pesquisa realizada pelo Instituto Data Popular apontou que apesar de 92% dos brasileiros admitirem que exista racismo em nosso país, apenas 1,3% dos brasileiros se consideram racistas, (ÉTORE; MEDEIROS, 2014).

Mesmo após cento e vinte e oito anos de abolição da escravatura no Brasil, lei assinada pela princesa Isabel em 1888 mediante muita pressão dos já existentes movimentos negros clandestinos que objetivavam a libertação dos mesmos através das revoltas e fugas para os quilombos, e dos países que já haviam aderido ao movimento antiescravista; em pleno século XXI ainda existem pessoas racistas, embora esse racismo seja camuflado, o que torna mais difícil ainda de ser desconstruído na mente das pessoas pelo fato delas não admitirem o que são na verdade; fruto da cultura europeia que foi a que se sobressaiu entre as três principais que formaram a nação brasileira: indígena, africana e europeia.

A Lei 10.639/2003 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica – LDB (1996) em três artigos, tornando obrigatório nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares o ensino de história da África, dos africanos e cultura afro-brasileira é fruto de algumas políticas públicas resultante da pressão dos movimentos negros, que visam reparar alguns danos sociais que a população afro-brasileira foi vítima, sendo assim, essas leis ainda sofrem resistência para serem efetivadas em nossa sociedade.

Diante da realidade dos fatos mencionados e da importância dessa temática, foi que a Universidade Federal do Acre - Ufac abriu suas portas através da Professora Ma. Flávia Rocha e sua equipe, mediante projeto aprovado junto ao Mec, para a realização do curso de especialização para as questões étnico raciais, voltado para um público de professores das redes municipais e estaduais de ensino, com o objetivo de prepará-los para disseminarem em seus respectivos locais de trabalho, familiares ou em



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

qualquer outro ambiente uma educação antirracista, efetivando assim, a Lei 10.639/2003. Que na data de abertura do curso havia dez anos de sua aprovação. E para atender as exigências do curso, uma das últimas etapas a ser realizada seria a aplicação de um projeto de intervenção na escola, de maneira que fizesse parte do projeto político pedagógico da mesma e que objetivasse sensibilizar o corpo docente e envolvê-los nas atividades pedagógicas, de modo a promover práticas pedagógicas antirracistas e a aplicação da lei supracitada no âmbito escolar.

A partir dos estudos realizados, ficamos sensíveis com a gravidade da realidade dos fatos comprovados e existentes diante dos nossos olhos cotidianamente. E que em muitas situações que já presenciamos, nos posicionamos de maneira inerte, neutra e alheia como se tais práticas fossem simples brincadeiras entre as crianças e até mesmo entre adultos. Achando muitas vezes que é papel apenas da família disciplinar e corrigir as condutas errôneas com que suas crianças e/ou adolescentes chegam às escolas, nos esquecendo do que diz o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069/1990 Art. 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, [...] e à convivência familiar e comunitária.

E o que complementa a Constituição Federal no Art. 205:

A educação direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Partindo desse pressuposto, enquanto educadores, estamos incumbidos da tarefa de promover com responsabilidade e com qualidade à educação dos nossos educandos visando o pleno desenvolvimento destes, conforme citado na Constituição Federal. Não deixando de esclarecer nossas origens, nossos antepassados, o que herdamos destes e a cultura com que



x Simpósio Linguagens e Identidades da / na Amazônia Sul-Ocidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazôniaas, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

fomos ensinados a valorizar de maneira errônea, a qual tem sido reproduzida causando muitos males à nação pela desvalorização da pluralidade de riqueza cultural, artística e étnica existentes em nosso país.

Por essas entre outras razões recai sobre os ombros de cada profissional da educação a missão de desconstruir o que foi perpetuado por centenas de anos acerca do componente étnico negro, levando-o a "[...] internalizar sentimentos negativos e de inferioridade em relação a si mesmo e ao grupo negro" (PASSOS, 2006, p. 6). É preciso desconstruir conceitos que "[...] tendem a inferiorizar os afro-brasileiros no meio educacional e social" (VALENTIM, 2011, p. 16).

Segundo Paulo Freire (2002, p.41-43), "Ensinar exige reconhecimento e assunção da identidade cultural". Em outras palavras, para que se desenvolva um processo educativo que contemple a formação integral do educando, é preciso respeitá-lo, ensinando-o a valorizar sua identidade, deixando-o à vontade para que se envolva nas atividades escolares de modo que promova sua interação e seu pleno desenvolvimento.

Outro fator importante supracitado é a questão do livro didático que pouco contribui para a superação da discriminação da criança negra no âmbito escolar.

É importante que desde a educação infantil aconteça uma educação antirracista valorizando a beleza presente na pele negra, nos cabelos encaracolados e não somente o estereótipo da pele clara e olhos azuis, visto que a criança negra enfrenta muita discriminação no âmbito escolar, tanto por colegas, professores, funcionários, quanto pelo próprio material didático que algumas vezes apresenta somente referência negativa da pessoa negra.

O autor José Licínio Backes, Dr. em Educação pela UNISINOS, em seu artigo intitulado *Os estudos étnico-raciais e a ressignificação do currículo da educação básica*, afirma que os estudos são enfáticos ao mostrar que no currículo da Educação Básica, houve e continua havendo práticas de racismo, seja por parte de educadores, sejam entre alunos, sem que haja uma



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Segundo as autoras do artigo Literatura Infantojuvenil e Relações Étnica-raciais no Ensino Fundamental, “a literatura infantil é um espaço plural, fonte que pode colaborar para a enunciação ou para o apagamento, para a valorização ou subalternidade das identidades.”

Após a parte burocrática de apresentação do projeto para a gestão e coordenadores, nosso primeiro passo foi selecionar contos afro-brasileiros na biblioteca da escola, que por sua vez em pouca quantidade. Dando sequência foi feita uma roda de conversa com o intuito de conhecer o que as crianças já sabiam sobre o porquê somos de cores diferentes e qual a interação delas com a história de nossos antepassados, digo, o que já tinham ouvido acerca da história do nosso país.

As respostas foram as mais diversas possíveis, embora, de uma maneira geral elas não conhecessem sobre nossos antepassados, de onde vieram, nem para qual finalidade vieram, nem o que sofreram. Só sabiam que as cores de suas peles eram herança de seus pais. E as de peles mais escuras, não estavam satisfeitas por serem negras, pois recebiam muitos apelidos e xingamentos.

Prosseguindo com o assunto das cores, fizemos a leitura do livro: “Por que somos de cores diferentes?” de Carmem Gil com tradução de Rafael Mantovani e ilustração de Luis Filella. O mesmo nos apresenta crianças de cores diferentes de várias localidades do planeta que se encontraram num acampamento, excursão desenvolvida pela escola. Vários questionamentos surgiram em relação à cor de suas peles, que elas fazem entre si e para o monitor do grupo que conclui falando um pouco sobre a história dos povos que vivem na África do Sul, sua posição geográfica, o que proporciona maior quantidade de raios solares e a produção de melanina, que funciona como uma espécie de guarda-chuva para proteger a pele à exposição dos raios solares.

Diante do apresentado no livro e posteriores rodas de conversa sobre a criação da nação brasileira, desafiamos os pequenos a formularem



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

melhor suas respostas em casa com a ajuda de familiares, concorrendo uma premiação a melhor resposta.

As três melhores respostas foram votadas pela turma, obtendo a maior quantidade de votos a de uma aluna negra chamada Kemilly, ao nos afirmar com suas próprias palavras que nós do Brasil somos de cores diferentes porque a nossa nação foi formada com a presença de vários povos como o índio que já viviam aqui, os portugueses que vieram depois e os negros que vieram da África para trabalharem aqui como escravos.

Então reforçamos o assunto sobre os africanos vindo da África, como foram “arrancados” de seus familiares e continente, por que vieram e o modo como resistiram à escravidão.

Nosso segundo passo ou estratégia foi trabalhar com os pequenos uma literatura afro-brasileira que abordasse o preconceito, a discriminação racial em diálogo com a prática do bullying, e esse de caráter racista. Escolhemos então o livro de Maria Cristina Furtado por título; “Pretinho meu boneco querido”. Que retrata a história da personagem Nininha, protagonista, colecionadora de bonecos. No dia em que completou oito anos sua mãe a levou em uma loja de brinquedos para que escolhesse o brinquedo de sua preferência.

Quando avistou aquele lindo boneco pretinho da cor de sua pele, se apaixonou levando- o para sua casa. Nininha tinha um segredo, seus bonecos adquiriam vida todos os dias. Após a ida de Nininha para a escola, a arrumadeira limpava o quarto dela, e ao sair fechando a porta, todos os bonecos adquiriam vida e começavam a brincar: jogavam bola, andavam de bicicleta, de carrinho, etc.

Pretinho não era aceito pelos outros brinquedos do quarto, entre eles a boneca Fafá, uma boneca branca de olhos azuis.

Apenas a boneca de pano era sua amiga de verdade, com quem sempre brincava, e o defendia nas situações de discriminação dos seus colegas contra ele: o insultavam, o empurravam, batiam-no, falavam para ele



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

não tocar em seus brinquedos para não deixá-los com mancha preta e ao tocá-los iriam sujar-se, e tudo que ele fazia, diziam logo: “tinha que ser o boneco preto”. Motivo pelo qual sempre estava escondido no armário choramingando.

Em um belo dia ao retornar da escola mais cedo, Nininha se deparou com uma enorme confusão que quase acabou numa tragédia, nesse dia a confusão foi muito pior, queriam dar um banho nele com água e sabão, com a intenção de tirar-lhe sua cor preta, e, pintá-lo com outras cores.

Armaram tudo usando um balde com água, sabão e tintas coloridas. Chamaram- no para brincar de espelho ao olhar-se na água e ver seu rosto refletido na mesma. E pensando que era verdade, que eles queriam de fato serem seus amigos, aceitou o convite. Mas para sua maior decepção deram-lhe vários “caldos” no balde d’água até deixá-lo zozinho. O boneco procura reagir empurrando o boneco Malandrinho, mas o ursinho Malaquias segura pretinho covardemente, enquanto Fafá pega o sabão. No entanto pretinho recebe ajuda da boneca de pano e consegue fugir pela janela, o que quase resultou em sua morte, pois o Hulk, o cachorro da casa, estava solto e era muito bravo.

Nininha ao entrar no quarto e perguntar várias vezes por pretinho sem obter resposta, todos ficam emudecidos, ela começa a ficar muito aflita. Foi quando a boneca de pano em soluços quase não conseguindo falar, diz que o Hulk o comeu, deixando Nininha ir desesperada atrás de sua mãe. As duas o procuram por toda parte, mas sem sucesso a menina volta para o quarto, e, começa a conversar muito sério com todos os bonecos sobre o ocorrido, de maneira a sensibilizá-los do sofrimento que estavam causando a todos pelas suas atitudes discriminatórias contra pretinho, dizendo-lhes que maltratar alguém pela sua cor ou raça chama-se discriminação, que por sua vez é crime.

Ela continua, indagando que não acredita que ainda existam pessoas que ajam assim, pois os afrodescendentes são muito importantes e que a cultura africana está dentro de cada brasileiro. Está presente na música, na religião, nos alimentos, na formação dos hábitos, costumes, crenças... E



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

começa chorar desconsolada, todos abaixam a cabeça. De repente ouvem uma vozinha vindo da janela, é pretinho. Seus antigos agressores arrependidos o ajudam a subir, pedem lhe perdão, pretinho os perdoa trazendo muita alegria novamente ao quarto de Nininha, que se tornou um ambiente de respeito mútuo e valorização às diferenças.

Todos se abraçam, cantam, dançam, e agora todos o chamam pelo seu nome: Carlos.

Além dos contos mencionados fizemos roda de leitores com as crianças utilizando as demais obras como a galinha da Angola, os cabelos de Lelê, menina bonita do laço de fita entre outros, mesmo com alguns que ainda não soubessem ler convencionalmente. E nunca deixando uma oportunidade passar quando surgia xingamento entre as crianças, de origem racista, levando-as a compreender e conscientizarem-se que tais práticas não poderiam se repetir, pois tínhamos que conviver em harmonia, respeitando as diferenças. Deixando sempre em evidência que são errôneas e existem punições.

Finalizando a semana, na sexta-feira, recebemos em nosso espaço escolar para uma oficina de sensibilização para todos os educadores sobre políticas de igualdade racial na escola, a tutora e orientadora da especialização Uniafro da Ufac, Jaycelene Brasil.

Sabemos que mesmo com todo respaldo jurídico com que as leis têm em especial, nos referimos à lei 10639/2003 que torna obrigatório trabalhar nos estabelecimentos de ensino a história e cultura africana e afro-brasileira, os professores se sentem despreparados para trabalharem tal temática, que por séculos foi ignorada gerando na mente das pessoas a normalidade das práticas de preconceito, racismo e discriminação, principalmente no ambiente escolar. Os professores e outros envolvidos no âmbito escolar passam despercebidos, perpetuando a ideia de que são apenas brincadeiras de crianças não dando a devida importância para esses fatos que geram muito sofrimento e dor.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
 VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

O racismo não é algo que surgiu de um dia para o outro, por trás desse fenômeno que se apresenta em nossos dias atuais, tem uma história que surgiu ainda nos tempos primitivos, por volta da Idade Média, segundo Antônio Olímpio de Sant'ana, o tipo de discriminação que havia naquela época baseava-se em fatores religiosos, políticos, de nacionalidade e linguagem, e não em diferenças biológicas ou raciais como acontece atualmente. Para esse autor, o racismo é fruto de um longo processo de amadurecimento através da exploração da mão de obra barata sem prejuízo nenhum para o branco colonizador e opressor, gerando-lhe riqueza e poder sem nenhum custo extra.

O racismo entre seres humanos foi surgindo e se consolidando aos poucos, trazendo muita dor, tristeza, sofrimento e morte para milhões de seres humanos em todo o planeta por causa de sua classe social, religião, profissão, por ser magro ou gordo, e em primeiro lugar por ter a cor da pele preta, pois o negro é a vítima maior do racismo. E acreditamos com base nos estudos realizados e no que já mencionamos que a cor da pele preta é sinônima de “burro”, “mal cheiroso”, “preguiçoso”, “ladrão” entre outros. Estereótipos esses que foram internalizados no próprio grupo étnico negro, causando auto rejeição, e rejeição do outro semelhante, trazendo-lhes o desejo de pertencer a “raça branca”, pelo fato da ideologia que a figura humana do branco é o oposto dos estereótipos negativos já mencionados.

Para compreendermos o termo racismo, primeiro precisamos entender o conceito de raça que no campo das ciências biológicas só existe uma que é a raça ou espécie humana, mas o termo com que estamos corriqueiramente habituados a pronunciar ou a ouvirmos segundo o autor da obra “Raça e os estudos das relações raciais no Brasil” Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, não se trata de um dado biológico, mas de “construtos sociais, formas e identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas eficaz socialmente, para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios” (p. 153). O que também nos esclarece a autora de “ A classificação de cor nas pesquisas do IBGE. Tereza Cristina Araújo (1987), a raça pode ser concebida



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

como “um fato social, referido aos significados atribuídos pelas pessoas a atributos físicos e que servem para demarcar indivíduos e grupos, como uma percepção social que categoriza” (p. 15).

De um modo geral “não podemos entender a história, se não conhecermos a história da África”. Hoje, depois de muitos estudos até mesmo arqueológicos, a África é considerada o berço da humanidade, não se pode falar de história sem mencioná-la. É falso o conceito que a história surgiu com a escrita e, é contraditório dizer que a escrita surgiu lá, pois a escrita é sinônima de civilização e a África não é civilizada baseada no conceito de civilização, ou partindo de uma visão eurocêntrica.

Ki-Zerbo em uma entrevista com René Holestein no livro “Para Quando África” deixa bem claro que esse continente foi impedido de se desenvolver, foram embargados pelos invasores e colonizadores. Foram alienados, isto é, foram substituídos por outros, inclusive no seu passado e na sua história.

Desde o séc. XVI até os nossos dias, a África foi inibida. Foi confinada à imitação, ao consumo das invenções de outrem. Foi desresponsabilizada, do ponto de vista do progresso técnico e industrial. (Ki-zerbo/2006)

Desde o séc. XVI e com ênfase maior no séc. XIX, os europeus invadem completamente a África saqueando todas as suas riquezas como: ouro, estanho, diamantes, bauxita, cobre, urânio, algodão, etc. O que impulsionou a Europa para a industrialização, ou seja, para a revolução industrial.

Outro fato importante que vale apenas ressaltar é que povos dos antigos reinos da África citados no livro *Meu Brasil Africano*, já tinham conhecimento nas áreas da medicina, na astrologia, nas técnicas de irrigação, de navegações, de mineração, na agricultura, na pecuária, na metalurgia, nos primeiros escritos, etc. Muitas dessas técnicas e saberes foram utilizadas aqui no Brasil pelos escravos nas diversas áreas conforme o conhecimento de cada um. Ki-Zerbo, também afirma que os africanos fizeram progressos enormes no



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

conhecimento e na utilização das plantas para a cura da hepatite, por exemplo. Também tinham conhecimento dos solos extremamente avançado, onde parte desse conhecimento se perdeu quando a transferência às gerações era puramente oral, sem registros. Infelizmente, todas essas invenções foram ocultadas, para que os países africanos fossem objetos a explorar, sem terem a possibilidade de realizar um desenvolvimento endógeno.

Do ponto de vista econômico, mesmo com o processo de independência dos países africanos, onde Burkina Faso é o mais novo país independente, a África continua "paralisada no tempo" no séc. XVI, sendo explorada, colonizada e extremamente agrária, exportando matéria-prima e importando produtos manufaturados, logo, continua vivendo ainda o pacto colonial de outrora.

Da mesma forma como observamos a falta de interesse dos coordenadores e professores na escola onde realizamos nossa intervenção, acreditamos que esse quadro não seja raro nas demais escolas espalhadas pelo nosso estado, e porque não dizer nosso país?

O Brasil foi um dos países que mais recebeu africanos em seu território, é o segundo país com a maior população negra do mundo e ainda assim, foi necessário leis serem aprovadas através da pressão dos movimentos negros para que os direitos desse grupo sejam respeitados, e se conceda igualdade de oportunidade para esse grupo tão massacrado outrora pelo trabalho escravo, e hoje é massacrado pelo preconceito, discriminação e racismo.

Em suma, acreditamos que os objetivos foram alcançados quase em sua totalidade, pelo menos no que se refere às crianças do 2º ano com quem trabalhamos, embora nosso objetivo maior fosse que todos os professores tivessem se envolvido no projeto. Mas ao menos uma minoria foi alcançada, a mensagem foi transmitida e observamos que o bullying racista com aquelas crianças diminuiu de maneira significativa.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Sabemos que essa educação antirracista deve ser uma prática constante, não somente em uma semana, ou em uma data específica, porém durante todo o ano letivo.

E se cada um de nós fizer um pouquinho, poderemos não mudar da noite para o dia a nossa realidade, mas a médio e longo prazo estaremos contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária, onde a pluralidade de povos e culturas possa ser vista como uma riqueza, como um patrimônio que deve ser cultivado e preservado pelas gerações presentes e futuras.

Percebemos a relevância de se ter a formação para professores com essas temáticas, de se promover através das secretarias de educação as formações continuadas de maneira que venha abranger todos os educadores e que se propague de maneira efetiva uma educação antirracista não só no âmbito escolar, mas que a escola esteja na linha de frente no combate as práticas do preconceito, racismo e discriminação racial.

REFERÊNCIAS

BACKES, José Lécio. **Os Estudos-Raciais e a Resignificação do Currículo da Educação Básica**. *Contra Pontos: revista científica do programa de pós-graduação em educação da universidade do Vale do Itajaí*. V. 13 N1. Jan/abril, 2013.

CARVALHO, Marília. **Quem é negro, quem é branco**: desempenho escolar e classificação racial de alunos. USP: faculdade em educação.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**. Educação e Poder: racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil. São Paulo: Summus, 2000.

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

KI-ZERBO, Joseph. Trad. Carlos Aboim de Brito. **Para Quando África?** : entrevista com Réne Holenstein. RJ: Pallas, 2006.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Revista Construir Notícias: **Projeto Político Pedagógico** – Somos Todos Diferentes e Iguais: Trabalhando a Inclusão Através da Literatura Infantil/ Nº 29. Ano 05. Julho/agosto 2006.

TELLES, Teresa Silva; MELO, Mariana. **Meu Brasil Africano**. IBEP, 2013.

Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

ARAÚJO, T. C. N., (1987). **A classificação de “cor” nas pesquisas do IBGE**: notas para uma discussã. Cadernos de pesquisa, São Paulo, nº 63, p. 14-15, Nov.

GUIMARÃES, A. S. A., (1999). **Raça e os estudos de relações raciais no Brasil**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, nº 54, p. 147- 156, jul.

PASSOS, Joana Célia dos. **Jovens negros**: trajetórias escolares, desigualdades e racismo. 29ª Reunião anual da ANPED, Caxambu, 2006.

VALENTIM, Silvani dos Santos. **Relações étnico-raciais na educação profissional à EJA**: reflexões acerca da formação continuada de professores. 34ª Reunião anual da ANPED, Natal, 2011.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas, SP: Verus, 2005.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade**. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Gente, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra S. A, 2002.

MEDEIROS, Étore; POMPEU, Ana. **Brasileiros acham que há racismo, mas somente 1,3% se consideram racistas**. Brasília: Correio Braziliense, 2014.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"